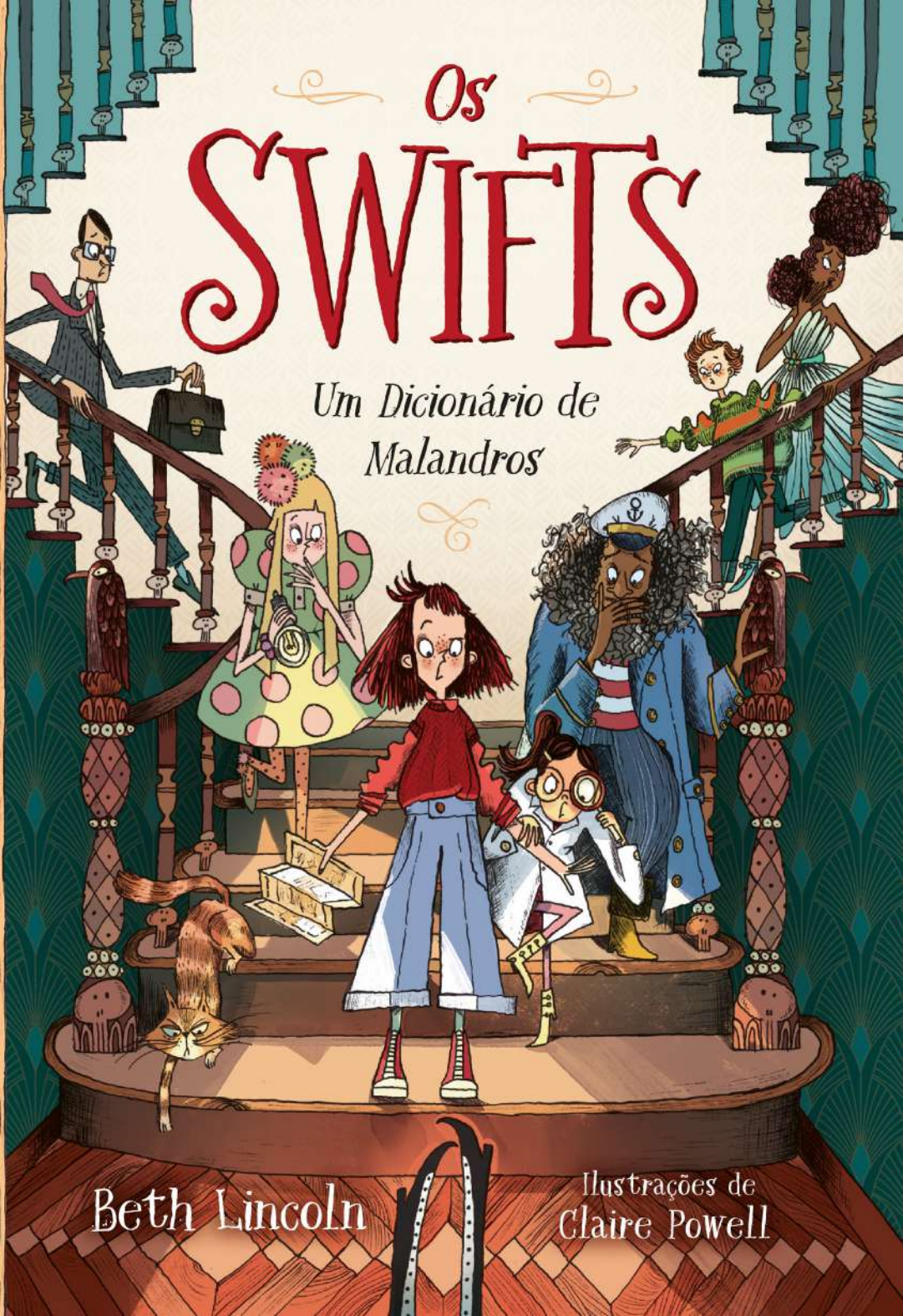


Os SWIFTS

*Um Dicionário de
Malandros*

Beth Lincoln

Ilustrações de
Claire Powell



ÍNDICE

PARTE UM

1. Uma Herança Inesperada	11
2. O Dicionário	24
3. Mapear o Interior	32
4. Uma Proposta de Investigação	45
5. Morte Certa	58
6. Participações Especiais	69
7. Nome Coletivo	80
8. Arranjar Problemas e Tentar o Caos	93
9. Reforma	102

PARTE DOIS

10. O Incidente Incitante	115
11. Personalidades Suspeitas	128
12. Uma Bela Charada	134
13. Interrupção	150
14. Lições de Vilania	159
15. O Passado Como Prólogo	174

16. Indiretas Depois do Jantar	186
17. «E Sob Pena de a Cabeça Perdermos...»	193
18. Motivos e Meios	207
19. Atirar a Matar	216
20. Frio, Frio	228
21. Um Raio de Inspiração	242
22. A Burla	251
23. Plantas e Planos	266
24. Cuidado Com a Morte	279

PARTE TRÊS

25. Um Ensaio	291
26. Uma Fiada de Azares	304
27. Remendar	311
28. Desmascarado	322
29. Um Artificio Retórico	329
30. Em Casa	339
31. O Último A Rir	354
32. Desenlace	367
33. Justiça Familiar	377
34. Riquezas e Amabilidade	384
35. Futuro Imperfeito	397

Agradecimentos	411
----------------	-----





Naquela manhã luminosa e elegante do início de maio, os Swifts encontravam-se a meio de um funeral.

A Casa estava muito aprumada. Nos relvados não havia folhas caídas, o labirinto de sebe fora podado, e até tinham esfregado as estátuas atrás das orelhas. A família passara a manhã a ensaiar os seus elogios fúnebres em frente ao espelho, e agora todos caminhavam numa procissão lenta pelo cemitério, de rostos profissionalmente tristes.

Segundo a ArquêTia Schadenfreunde, um funeral deveria parecer um casamento de pernas para o ar. Os Swifts tinham-se esforçado ao máximo por honrar os seus desejos. O caminho até à sepultura da Tia Schadenfreude fervilhava com flores, e das árvores pingavam fitas negras. Cozinheira até preparara um bolo fúnebre, com cobertura negra, colocado numa mesa mesmo ao lado da lápide. À direita, um gramofone tossicava uma melodia melancólica.

Tropelia Swift segurava a frente do caixão. Era consideravelmente mais baixa do que os outros que o levavam. Lá atrás, a sua irmã mais velha, Felicidade, ia alta como um mastro, tal como o Tio Turbilhão e, embora Tropelia se

esforçasse ao máximo por manter o caixão direito, este continuava a inclinar para a frente num ângulo preocupante. Fenomenal, à frente da procissão e a guiar as irmãs pelo cemitério como um controlador de tráfego aéreo, lançou-lhe um olhar de aviso. Tropelia tentou imaginar-se mais alta, com um sucesso bastante reduzido.

Foram passando pelas campas como fio dental negro por entre dentes tortos. Tropelia lia os nomes dos familiares defuntos à medida que avançavam:

Calamitoso Swift

1598–1652

Adjetivo

Que causa ou está pejado de desastre

e

Rococó Swift

1733–1790

Nome

i. *Excesso de liberalidade ou dispêndio*

ii. *Abundância excessiva*

Ajeitou a posição do caixão, que se precipitou alarmanamente. Felicidade bufou, pelo que Tropelia o sacudiu de novo, só para a irritar. A sua mão deixou uma mancha na madeira dispendiosa e altamente polida. A tia não teria gostado — a Tia Schadenfreude achava que se deveria gastar mais dinheiro num caixão do que numa casa, já que se passa mais tempo morto do que vivo — mas, a bem da verdade,

a Tia Schadenfreude não teria gostado de muitas coisas. Como das marcas raspadas nos sapatos de Tropelia, dos galhos que ela trazia no cabelo ou dos pensamentos que lhe enchiam a cabeça.

À sua direita, Tropelia leu:

Facínora Swift

1860-1889

Nome

Que ou quem é capaz de crimes cruéis

Tropelia era capaz de se ter dado bem com ela.

Pararam diante da sepultura e houve uma grande confusão, pois cada um deles baixou o caixão a uma velocidade diferente. Turbilhão tentou pousar o seu lado devagar, com dignidade, mas Felicidade foi um pouco rápida em demasia e Tropelia, ainda a pensar em como seria ser-se *facínora*, não estava a prestar atenção.

— Tropelia — bufou Felicidade outra vez —, será que *podes...*

A coisa dentro do caixão soltou um uivo.

Felicidade gritou e largou o seu lado. Com um *baque* seco, a dianteira do caixão bateu na relva, tremelicou e depois caiu para dentro da sepultura, ao mesmo tempo que a tampa saltava. Tropelia saiu-lhe do caminho com um salto que a fez aterrar mesmo em cima do bolo com cobertura preta e encher-se de mancheias de massa húmida a cheirar a baunilha.

À exceção do assobio do gramofone, o silêncio era total. Os Swifts espreitaram cautelosamente para dentro da campa.

O caixão estava completamente aberto, revelando uma seda negra e lustrosa a aquecer-se ao sol. Claro que estava vazio — sem contar com o Gato João, que pestanejou sonolentemente e, depois de se espreguiçar com vontade, se pôs a andar na direção do bosque. Tropelia lambeu o bolo das mãos.

— Bem — comentou uma voz atrás deles. — Devo dizer que este foi um ensaio pavoroso.

A trupe virou-se com um ar culpado para a Tia Schadenfreude, empoleirada no Monumento a Vil. Tinha a bengala numa mão e os binóculos de ópera na outra, e espreitava por estes para ver a barafunda que eles tinham armado naquele que seria o seu lugar de descanso final.

— Vai correr tudo bem na noite do funeral, Tia! — O Tio Turbilhão encolheu os ombros, fazendo com que as suas articulações estalassem como um navio velho. Levantou Tropelia só com uma mão, esquivou-se à tentativa dela de lhe espalhar cobertura de bolo na barba e pô-la de pé, a sorrir.

— Na *manhã*, queres dizer... vão enterrar-me às onze — resmungou a Tia Schadenfreude na direção deles, apertando mais o colar grosso de ferro que trazia ao pescoço. — Devem pôr-me na campa ao meio-dia, acabar de chorar ao meio-dia e meia e voltar para a Casa para um almoço que não conseguirão comer por estarem tão compungidos ao quarto para a uma. O horário é *esse*. Não me inspiras confiança, Turbilhão.



Com uma vida altamente organizada, a Tia Schadenfreude esperava que a sua morte fosse igual. Dado que não estaria presente para supervisionar o próprio funeral, punha a Família a ensaiar a cerimónia todos os meses, algo que sempre tinha acontecido, tanto quanto Tropelia se lembrava. E eles nunca tinham conseguido fazer tudo bem.

— Tropelia, Felicidade, para a próxima tentem manter o caixão nivelado. Parecia que estavam a levar-me por uma ladeira abaixo.

— Mas isso é *difícil*, porque o Tio Turbilhão é muito mais alto do que nós! — queixou-se Felicidade.

— Dado o ritmo médio do crescimento na adolescência, já devemos ser um bocadinho mais altas quando a Tia Schadenfreude morrer — comentou Fenomenal. Tentou limpar a cobertura que lhe tinha salpicado a bata de laboratório. — Isso deve equilibrar as coisas.

— Que otimismo repugnante! — resfolegou a Tia Schadenfreude. — Sou capaz de morrer antes que cresçam um único centímetro. Felicidade, as decorações servem, parece-me. Mais uns quantos laços. E tu, Tropelia...

Tropelia parou de lamber os dedos.

— Suponho que tenhas sido *tu* a pôr o João ali dentro?

Tropelia encolheu os ombros.

— Os gatos gostam de caixas.

— Será que podes esperar até eu *estar* na minha sepultura antes de a profanares?

O comentário pareceu muito injusto a Tropelia, que considerava que tinha melhorado muito. No mês anterior,

deixara o caixão entalado na porta da frente e a Família toda tinha tido de dançar o limbo para entrar e sair da Casa durante vários dias.

A expressão amargurada da tia espelhou a sua.

— Bem, não tens culpa do nome que te calhou, supinho. — Suspirou. — Vamos fazer uma pausa para almoçar. Ainda temos de limpar isto tudo antes de amanhã.

Com aquela dispensa, voltaram para a Casa. Tropelia ia passando uma mão pelas lápides por que passavam, lendo os nomes. *Rúbrica. Catarse. Diligência. Jaz.*

Não tens culpa do nome que te calhou.

Livrou-se da irritação que acompanhava a frase bem gasta da Tia Schadenfreude. Naquele dia, nada poderia aborrecê-la.

Pois aquele dia era a véspera do dia seguinte, e no *dia seguinte* ela ia roubar a fortuna da Família.

— Cuidado por onde *andas* — atirou-lhe Felicidade, quando Tropelia saltou por cima de uma lápide e se meteu no caminho dela. — Como é que consegues sempre acabar a fazer-me tropeçar?

— Se calhar é porque tens uns pés gigantes. É difícil evitá-los, na verdade.

— Os meus pés não são gigantes! Tu é que és pequena. É como tentar ver por onde anda uma formiga.

Tropelia começou a fazer estalidos com a língua e atirou-se à irmã com as mãos a imitar pinças. Felicidade encolheu-se.

— Ai, és tão *esquisita* — gemeu. E, servindo-se das suas pernas muito mais compridas, depressa se afastou.

— Sabes que não devias antagonizá-la. — Fenomenal ajustou os óculos e lançou um olhar sábio a Tropelia. Como era cientista, todos os seus olhares eram sábios. — Não te esqueças do que aconteceu à tua catapulta.

— Nunca — respondeu Tropelia. Ela tinha *tentado* explicar que não fizera pontaria a Felicidade de todo, mas nem Schadenfreude nem Felicidade lhe tinham dado ouvidos. A Mestre de Cerco 5000 fora reduzida a cinzas na fornaça de Cozinha e Tropelia jurara vingança. Para começar, quando encontrasse o tesouro, não daria nada de nada a Felicidade.

Ao aproximarem-se da Casa, reparou em duas coisas invulgares. A primeira foi que estava um carro no acesso: esguio, baixo, verde-garrafa, com um nariz a fazer lembrar uma barracuda. Apontava para a porta da frente como se a tivesse feito refém. A segunda coisa foi que Cozinha corria na direção deles a toda a brida. Tinha uma mancha de óleo numa bochecha — devia ter estado a trabalhar na sua moto — e dava furiosamente aos braços e às pernas. Resvalou para parar, lançando gravilha para todo o lado.

— Já chegou — ofegou.

Tropelia deixou escapar um grito de excitação e correu na direção da casa, deixando a Família para trás.

Enquanto corria, ia fazendo um inventário mental dos conteúdos do pacote que mantinha a postos no telhado. Tinha corda, uma lanterna, gazuas, uma pá, papel e lápis, um abre-cartas, binóculos, um pacote de bolachas e uma garrafa de água, para o caso de ficar presa nalgum sítio da Casa.

Provavelmente, os seus parentes estariam mais bem preparados. Gostaria de saber se Fenomenal se teria dado ao trabalho de construir o detetor de metais que lhe tinha pedido.

Ao início, na penumbra do átrio, Tropelia só distinguiu um par de luvas brancas. Quando os seus olhos se ajustaram, divisou o resto da mulher. Quase tão pálida quanto as luvas, com a pele a fazer lembrar uma maçã que tivesse sido deixada na fruteira demasiados dias, seca e com um aspeto lasso. Isso tornava difícil adivinhar que idade teria. Estava a usar um fato de fazenda e tinha o cabelo frisado de uma cor dúbia, preso com ganchos sem grande mestria. Quando se virou para Tropelia, os seus óculos faiscaram.

— Matriarca! — entoou. — Está novamente na altura! Nós... oh.

Pestanejou, a olhar para Tropelia, a qual, de súbito recordada dos bons modos, avançava para ela de mão estendida. A mulher lançou um olhar às mãos de Tropelia, cobertas de bolo e terra das campas, e escondeu as suas atrás das costas, como se estivessem a oferecer-lhe uma ratazana morta.

Na pausa desconfortável que se seguiu, o resto da família de Tropelia alcançou-as. O Tio Turbilhão entrou sob uma pilha do que devia ser a bagagem da mulher: duas malas muito coçadas, do género a que se costuma chamar «valises», uma chapeleira e vários tubos de couro unidos. A mente de Tropelia entrou de imediato em ebulição, a pensar no que poderia haver dentro daqueles tubos. *Telescópios? Obras de arte roubadas?* Lera recentemente acerca de um instrumento musical de madeira muito comprido,

chamado didjeridu, que se tocava na Austrália. Talvez a visita fosse australiana?

Porém, quando a mulher voltou a falar, tornou-se evidente que não era australiana. Tinha um sotaque que vinha de uma universidade inglesa e uma voz que estava habituada a bibliotecas.

— Ah, aí está, Matriarca — disse com um certo alívio, acenando com a cabeça na direção da Tia Schadenfreude. — E o Turbilhão também, estou a ver. Está outra vez na altura! Mais uma vez, reunimo-nos...

— *Herança* — interrompeu-a a Tia Schadenfreude. — Só devias chegar amanhã.

O aceno de cabeça de Herança aumentou tanto em velocidade como em entusiasmo.

— Sim, sim, *mas*, como dizia na minha carta, temos uma questão *muito* importante a discutir...

— Eu — atalhou a Tia Schadenfreude, no tom de alguém que considerava que as desculpas eram uma ofensa pessoal —, não recebi carta alguma.

— Oh. — Herança estacou. — Mas... enviei-a há uma semana, com o resto dos convites.

Toda a Família gemeu, percebendo. A Tia Schadenfreude desconfiava de quem quer que usasse farda, fossem agentes da polícia, soldados, membros de uma banda de marcha, vendedores, alunos de colégios, bombeiros ou cozinheiros. Não abria exceção para os carteiros. O único a quem era permitido aproximar-se da casa era um trabalhador local chamado Solimão, que estava com gripe havia já duas semanas.

— Bem, suponho que agora já cá estejas — concedeu a Tia Schadenfreude —, e pouco se possa fazer quanto a isso. Meninas, esta é a vossa Tia Herança. Herança, estas são as meninas: Felicidade, Fenomenal e Tropelia, por ordem decrescente de idade e crescente de inconveniência.

— Muito gosto, ah, em conhecer-vos — disse Herança.

Aquilo era mentira, percebeu Tropelia. Uma mentira é uma coisa matreira, com vida própria e, por mais que nos esforcemos por mantê-la oculta, vem à tona e aparece-nos no rosto, ou nas mãos, ou na forma como passamos o nosso peso de uma perna para a outra. Tropelia sempre tinha sido boa a detetar mentiras, e aquela pairava mesmo por baixo do olho esquerdo da tia. Embora esperasse a chegada de Herança havia semanas, algo nela lhe provocou uma antipatia imediata — talvez fossem os olhos aguados, ou as luvas brancas, ou a forma como a mirava como se Tropelia fosse uma coisa bolorenta que ela tivesse encontrado no fundo de um armário.

— E a senhora é importante? — perguntou Tropelia num tom duvidoso. Ouviu Turbilhão a abafar uma risada.

A Tia Herança endireitou-se.

— Eu *sou* — disse ela — a *Arquivista*. A minha função... não, a minha *vocação*... — as mãos brancas adejaram até ao peito e os olhos ficaram vidrados de emoção —, o meu *dever*, o meu... o meu *privilegio*, é registar as vidas dos Swifts para a posteridade. Guardo a história da nossa Família, faço a crónica do nosso legado, mantenho os nossos costumes e...

A Tia Schadenfreude pigarreou.

— Por falar nisso, Herança, se pudesses avançar... E sê concisa, por favor — avisou, parecendo pressentir a iminência de outro discurso.

— Pois. Estou a fazer uma experiência no meu laboratório, e não pode esperar muito — adiantou Fenomenal.

— E eu preciso de decidir o que usarei amanhã — acrescentou Felicidade.

— E eu tenho de almoçar — disse a Tia Schadenfreude. A Tia Herança parecia escandalizada.

— Schadenfreude, é a primeira vez da Fenomenal e da Tropelia! A tradição é fundamental!

— Bem, a tradição não tem uma omelete de cogumelos à espera na cozinha.

A boca da Tia Herança franziu-se de reprovação. Por um momento, pareceu ter vontade de ralhar com a Tia Schadenfreude, mas terá concluído — sensatamente — que o mais provável seria não sobreviver à experiência.

— *Está novamente na altura* — entouou entre dentes cerrados. — *Mais uma vez, reunimo-nos.* Eu, Herança Swift, Arquivista, tendo consultado os meus livros e interpretado os sinais, bem como verificado a disponibilidade de todos, convoco por este meio a Reunião da Família Swift. Regressamos à Casa da nossa Casa, para fortalecermos os laços, mantermos a paz entre nós e procurarmos a nossa fortuna perdida... como fazemos desde há décadas e faremos ao longo de décadas mais, enquanto os nossos nomes forem proferidos. Matriarca Schadenfreude, dá-nos as boas-vindas?

— Hum? Oh, suponho que sim.

— Então, está feito! — Herança abriu os braços de par em par. — É oficial: a Reunião está a decorrer!



Antigamente, nos velhos tempos dos *collants* com gibão, na família Swift todas as crianças se chamavam Maria ou João. A coisa tornava-se terrivelmente confusa ao jantar, quando alguém pedia a um João que passasse as batatas e dez mãos se lançavam sobre a travessa ao mesmo tempo, pelo que Maria Swift XXXV deu início à tradição de dar nomes aos seus filhos servindo-se do Dicionário da Família. A ideia pegou e os Swifts prosperaram. Afinal, é fácil ignorar uma Maria ou um João, mas dificilmente nos esquecemos de uma pessoa chamada Meretrícia ou Arrecuas.

Tropelia não se lembrava do dia em que nascera, mas era bem capaz de o imaginar: o quarto de hospital, as enfermeiras, a mãe, cansada e sorridente enquanto o pai lhe ajeitava as almofadas. Imaginava-se a si também, embrulhadinha como um pequeno amendoim com uma madeixa de cabelo desobediente já a brotar-lhe da cabeça. Imaginava o Dicionário — e esta parte era mais fácil, pois tinha-o mesmo diante de si —, um calhamaço antigo com capa de couro e as costuras das páginas de calfe, pergaminho e papel em esforço, com algumas entradas em fontes

simples e modernas, outras em letras de máquina irregulares e outras ainda rabiscadas numa caligrafia manuscrita em que os esses compridos pareciam efes.

O Dicionário teria sido levado ao quarto, pousado na cama (Tropelia imaginava os narizes das enfermeiras a torcerem-se de desgosto) e aberto ao calhas pela mãe de Tropelia, que teria os olhos fechados. Ela teria descido o dedo pela página e parado na palavra e na definição que se tornaria o nome da sua filha.

Tropelia conseguia imaginar isto tão bem porque o primeiro dia de todos os Swift começava exatamente da mesma maneira. A única exceção, tanto quanto lhe era dado a saber, era a ArquêTia Schadenfreude, que nascera cinco semanas antes do previsto, durante uma viagem da Família à Alemanha, pelo que os pais tinham tido de se valer do que estava à mão.

Felicidade correu escada acima antes que a Tia Herança acabasse de falar, a Tia Schadenfreude ficou imediatamente ocupada com uma discussão com Cozinheira e Turbilhão começou a inspecionar a caneta de tinta permanente do seu canivete. Vendo-se rotundamente ignorada, a Tia Herança aproximou-se da grande vitrina que alojava o Dicionário. Este estava aberto no frontispício.

«Iluminado» tem duas definições: uma é «com luz», a outra é «decorado com motivos intrincados e coloridos», e aquela página era ambas as coisas. A iluminada página iluminada tinha uma dedicatória impressa em letras intrincadas:

**Dicionário
Da Casa de
Swift**

A Tia Herança avançou até ficar com o nariz colado à vitrina. Pegou numa pequena chave que tinha num fio ao pescoço. Cuidadosa e reverentemente, destrancou a porta e, com uns dedos trémulos dentro das luvas brancas, tocou numa página amarelecida.

Do piso de cima ouviu-se um som como o de alguém a folhear um livro grande, e logo um guincho agudo, e depois Felicidade a correr desvairada para o patamar. Atrás de si, perseguindo a sua figura fugitiva pela grande escadaria, vinham as traças.

Tropelia sorriu.

Uns dias depois da destruição da Mestre de Cerco 5000, Tropelia tinha recebido a correspondência que Solimão levava. Endereçada a si havia uma pequena embalagem quadrada, com furinhos na tampa, e lá dentro estavam dúzias de lagartas que ela tinha encomendado de um anúncio publicado na contracapa de uma revista sobre vida selvagem. Tropelia tinha entrado sorrateiramente no armário cavernoso de Felicidade, aberto a caixa e deixado que as lagartas se banquetearassem com as roupas da irmã. Os bichinhos tinham devorado lã, seda e algodão, ficando cada vez mais gordos e sonolentos até fazerem os seus casulos dentro daquele espaço quente, seco e escuro.

Parecia que os casulos tinham eclodido.

Tropelia gostava de ter assistido ao momento em que Felicidade abria o armário e se deparara com as traças a fitá-la. Cada corpo de veludo era do tamanho da palma da mão de Tropelia, com dois enormes olhos nas asas cujo objetivo era enganar predadores.

Avançavam para o lustre num redemoinho furioso e intermitente, espalhando pó. As asas rasavam o rosto de Tropelia. Aquilo pareceu-lhe bastante agradável — como estar no centro de um tornado suave —, mas, pela forma como a tia uivava e sacudia o cabelo com as mãos, Herança não era da mesma opinião. Uma das traças, atraída pela luz que iluminava o Dicionário, tinha-se metido dentro da vitrina. Quando a Tia Herança deu por isso, gritou como se alguém tivesse ateado um fósforo junto da *Mona Lisa*.

No meio do barulho e do caos, muito calmamente, Fenomenal desligou o interruptor. Confusas, as traças dispersaram-se — algumas mais para o interior da Casa, mas a maioria saiu pela porta aberta e para o sol do meio-dia, prontas a aterrorizar os pássaros da zona.

Tropelia desatou a rir.

Felicidade virou-se de supetão, com os olhos irritados, molhados e absolutamente furiosos.

— Vê só o que fizeste! — guinchou, a mostrar-lhe um pedaço de seda azul. Talvez aquilo em tempos tivesse sido um vestido, mas as traças tinham-lhe feito tantos buracos que mais parecia um fato de banho para um polvo. Bastou vê-lo para que Tropelia se risse ainda mais. — As minhas

roupas estão todas estragadas! — bradava Felicidade. — Metade delas fui eu que fiz!

— Ora, é bem feito!

— Tropelia! — O blusão de cabedal de Cozinha ran-geu quando ela cruzou os braços. Tinha uma expressão severa e Tropelia sentiu um aperto no estômago. Olhou para Turbilhão, o seu aliado fiel. O desapontamento dele era ainda pior.

— O que é? Foi a Felicidade que começou!

— Tu és um monstro! Gostavas que destruísse uma coisa que *tu* tivesses feito? — indignou-se Felicidade.

O estômago de Tropelia teve uma recuperação milagrosa.

— Mas destruístes! Isso é pela Mestre de Cerco 5000, sua...

— Pela porcaria da tua *catapulta*? Tu fizeste isso numa tarde! Eu demorei *semanas* a fazer algumas daquelas peças!

— Não era porcaria nenhuma! Era...

Zás.

Calaram-se ao ouvirem a bengala da Tia Schadenfreude bater no corrimão da escada. O seu olhar deixou Tropelia petrificada, a sentir que era uma das traças de Felicidade, presa num mostruário.

— Herança, estás bem?

A Tia Herança continuava a sacudir traças imaginárias do cabelo. Havia pó nas suas luvas, até então imaculadamente brancas.

— Sim... Sim, acho que sim.

— Tropelia — resmungou Schadenfreude —, pede desculpa à tua tia.

— Lamento — apressou-se Tropelia a dizer. — Ainda não tenho nada contra si.

— Bom. E à tua irmã — disse a Tia Schadenfreude.

— Não.

A Tia Schadenfreude lançou um olhar zangado a Tropelia. Tropelia devolveu um olhar zangado à tia. Endireitou os ombros e preparou-se para esfernear, gritar e o diabo a quatro.

Porém, a Tia Schadenfreude limitou-se a encolher os ombros.

— Muito bem — respondeu.

Felicidade ficou boquiaberta.

— *O quê?* — gritou. — Vai deixá-la safar-se assim sem mais nem menos?

— Oh, será castigada, claro está — disse a Tia Schadenfreude, lançando um olhar severo a Tropelia, que tinha começado a fazer uma dança de vitória muito discreta. — Mas duvido de que isso tenha grande efeito. Ela é assim. Não tem culpa do nome que lhe calhou.

— Isso não é desculpa!

— Mas é uma razão. — A Tia Herança bateu palmas para se livrar de algum pó. — O poder do Dicionário é tremendo, afinal. Ela não se chamaria Tropelia se o nome não fosse adequado.

Tropelia franziu o sobrolho. Passava pelo Dicionário todos os dias. Era só um livro normal — um pouco grande

em demasia para se ler no banho, mas não deixava de ser um livro.

— O que quer isso dizer? — perguntou, desconfiada.

— A mim chamou-me Herança, sabendo que eu seria a guardiã dos registos da Família. Ao teu tio, chamou-lhe Turbilhão, prevendo o seu futuro marítimo. E a ti Tropelia, sabendo que causarias problemas.

Fenomenal deixou escapar um som cético.

— Então quer dizer que o Dicionário é *mágico*?

— Não — soluçou Felicidade. — Quer dizer que eu tenho *de a aturar!*

E desembestou escada acima, a chorar para o seu trapo de seda.

Tropelia recusava-se a sentir culpa. Felicidade ficaria bem dali a uns dias. Tinham sido só uns quantos vestidos, afinal. Não podia ter demorado *assim* tanto a fazê-los.

— Coitada da Felicidade. Não tem culpa de que o seu nome seja mundano — suspirou a Tia Herança. Referia-se ao facto de o nome Felicidade, tal como Prudência, Augusto, Rosa e Carmo, ser perfeitamente normal na sociedade para lá da família Swift. — Esses membros da Família levam sempre vidas perfeitamente enfadonhas, perfeitamente medianas. Ora, lembro-me da ArqueTia Esperança! Uma senhora encantadora, mas que, tragicamente, veio a ser optometrista... o que traz à memória... — Os seus pequenos óculos redondos cintilaram ao virar-se para a Tia Schadenfreude. — A questão que eu queria abordar...

Noutro local da Casa, ouviu-se um *bum* abafado.

— Eu avisei que a experiência não podia esperar muito
— suspirou Fenomenal, e virou costas, para ir ver o que
teria explodido.

*Todos conhecem o poder das palavras.
Só que, na família Swift,
tudo toma uma outra dimensão...*

No dia em que nasce, cada membro da excêntrica família Swift é levado perante o sagrado Dicionário da Família. Nessa altura, recebe um nome e uma definição, e espera-se que, quando crescer, corresponda a essa descrição. Tropelia Swift não é exceção: tal como o seu nome indica, está sempre pronta para arranjar problemas.

Tropelia tem andado ocupada a preparar-se para a Reunião da Família Swift, liderada pela matriarca, a temível Tia Schadenfreude. Quando os parentes começam a chegar, Tropelia assiste ao emergir de rivalidades antigas — até que um crime terrível é cometido! Ninguém se acusa e todos são suspeitos.

É então que Tropelia assume o papel de detetive, determinada a seguir as pistas para apanhar o assassino. Conseguirá ela resolver o mistério, salvar a sua família e livrar-se do estigma do seu nome?

*Repleto de jogos de palavras e muitas travessuras,
Os Swifts é um livro de mistério e suspense
deliciosamente inteligente.*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinkidspt

ISBN 9789897848377



9 789897 848377 >